

## **Microfone Aberto: Transcrição do episódio com Carol Alves**

Oi, aqui quem fala é Carol Alves, eu sou atriz e produtora cultural, e eu vou compartilhar um pouquinho com vocês sobre a minha trajetória e sobre o meu trabalho.

Eu sou uma mulher negra, tenho 35 anos, nasci na cidade do Rio de Janeiro, mas moro em Salvador há mais de 20 anos. E essa relação com a arte, eu sempre lembro de uma história da minha pré-adolescência, que eu tinha uma brincadeira, com uma amiga minha, quando em morava em Rondônia, ainda, antes de chegar em Salvador. Tinha um parquinho na frente das nossas casas, e a gente brincava de contar histórias. Nós éramos contadoras de histórias. A gente criava as histórias na nossa cabeça, ensaiávamos, fazendo um circuito pelo parquinho. Então, um balanço poderia se transformar num carro, numa gangorra, se transformava numa prancha, e assim vai. E a gente fazia essas histórias na nossa mente, e depois encenava uma para a outra. E a outra ia acompanhando a história toda do parquinho. E eu lembro de uma especificamente, que ficou bem forte na minha cabeça. Tinha mais ou menos uns 12 anos, e eu relembrei essa história novamente no Curso Livre de Teatro da UFBA (Universidade Federal da Bahia), que eu considero que, realmente, foi o curso que deu o pontapé para a minha profissionalização. Eu já tinha feito os outros cursos antes, mas, especificamente, foi o que daí eu segui fazendo outras peças profissionais em Salvador. E essa história era, mais ou menos, assim: eu pegava nomes de histórias já conhecidas, e o nome da minha história era “Branca de Neve”, mas era a minha versão da Branca de Neve. E, na minha versão, eu era uma aeromoça, que estava fazendo um voo para o Polo Norte, e o escorregador era a escada do avião, e quando eu escorregava, era como se o avião estivesse caindo, Eu caía numa areia fofinha, que era tipo essas areias de praia e eu ficava assim, ‘orrrr eu estou branca de neve’. Então, era a minha forma de ser a Branca de Neve, como eu me via sendo a Branca de Neve. E, no Curso Livre, a gente recebeu uma provocação, que era o seguinte: “O que te trouxe para o teatro? Qual foi o momento que você lembra que seja o seu início nas artes cênicas?” E eu lembrei dessa história porque ela me remetia ao que as histórias que eu ouvia numa fita cassete no quarto, já da Branca de Neve. Essa história que eu tinha contado, dessas criações, então eu achava que essas interpretações é que tinha me levado a fazer teatro. Acho que esse momento foi tão forte para mim e para minha amiga, porque depois eu segui a carreira artística e ela se formou em Letras. De certa forma, aquele momento acho que foi marcante pra gente. E no Curso Livre, eu não sei se eu lembro muito bem a história, porque era até engraçado a gente contar. Era assim: tinha a madrasta má, que ela fala:

-Espelho, espelho meu, me diga se existe no mundo alguém, alguém, mais bela do que eu?

- Senhora, madame, como é que eu te digo isso? É uma donzela.

- Rô rô rô, espelho, você acha mesmo que eu me pareço com uma donzela? Oh, não precisava!

- Oh, madame, não era bem isso que eu queria dizer, eu queria dizer que é... existe uma donzela que é a mais bela.

- Espelho, como ousa? Vou lhe destruir!

- Não, não, calma, madame! Eu posso ser útil em alguma coisa e lhe dizer quem é.

- Sim, espelho, me diga! Quem ousa afrontar a minha beleza?

- Quem, o nome?

- Sim! Diga o nome dela!

- O nome, o nome é Branca de Neve.

- Ahhhhhh, Branca de Neve!

Carolina era uma menina que gostava de contar histórias Mas não bastava contar as histórias. Era preciso recriar um mundo ao seu redor. Então, o balanço se transformava num carro, numa gangorra, numa prancha de surf, e um escorregador num avião.

- Boa noite, passageiros, sejam bem-vindos ao voo 0030 com destino ao Polo Norte. Por favor, retornem suas poltronas à posição vertical, apertem os seus cintos. Em caso de despressurização, máscaras de oxigênio cairão em cima de suas cabeças. Senhores passageiros, acalmem-se. Estamos passando por uma leve turbulência. Senhores passageiros, está supertranquilo. Se acalmem! Uma leve turbulência. Senhores passageiros, esse avião vai cair! Oh, eu estou branca de neve!

Era mais ou menos assim, eu não lembro muito bem. No final, eu chegava e perguntava: 'Quando nós protagonizaremos essas histórias?' Quando eu apresentei para a turma, todo mundo deu risada, aquele coisa toda, porque, realmente, é uma situação hilária um voo do Polo Norte, nada a ver. A pessoa cai do avião, sobrevive e ainda está cheia de neve. Mas, todo mundo chegou para conversar comigo. 'Nossa, Carol, que potente! Ao mesmo tempo, você traz questões raciais dessa história'. Só que eu, enquanto pré-adolescente, jovem, eu não tinha essa visão de que eu estava trazendo ali questões raciais nessa minha contação. Porque para mim, ali era simplesmente a forma literal de eu ser a Branca de Neve. Porque eu não me via nessas histórias. Eu não conseguia me ver

como uma dessas personagens. Então, para eu ser essa personagem eu precisaria fazer uma coisa literal. E ali eu fui despertada para essa questão que, até então, eu não tinha pensado sobre isso. E a trajetória seguiu também nesse caminho e de outros momentos, eu sendo sempre provocada sobre isso.

E aí, depois, eu lembro de outra montagem importante pela Companhia de Teatro da UFBA, que foi uma peça sobre Mário Gusmão, primeiro ator negro a se formar na Universidade Federal da Bahia. E nesse processo de formação, nos primeiros momentos da montagem, cada um, cada ator, parava na frente de uma câmera, numa sala sozinho, e a provocação era: 'O que você gostaria, na verdade, de dizer para Mário Gusmão se ele estivesse aqui na sua frente?' E eu lembro de eu chorar muito, muito, muito, muito, e pedir desculpas a Mário Gusmão. Tipo assim: 'Mário, me desculpa por não conhecer a sua história, por não saber de você, por estar aqui e não lhe conhecer'. E, ao mesmo tempo que eu pedia desculpas, eu me sentia com o meu direito negado de conhecer esse artista, de conhecer sua trajetória. Ainda mais, Mário Gusmão, depois de saber, dentro do processo, como ele faleceu, como terminou a carreira. Um artista tão importante, que fez tantos filmes, tão ativo artisticamente, morrer praticamente esquecido. Então, foi um impacto para mim aquilo ali. E essa montagem teve uma coisa específica, que foi a primeira montagem da Escola de Teatro da UFBA com um elenco majoritariamente negro, falando sobre essas questões também. Foi um espetáculo belíssimo, que me deu mais uma chacoalhada. Então, desde aí eu tive essa ideia de querer ser uma atriz criadora, uma atriz que pensava, que pensa sobre o meu fazer também. Estava nas peças, mas também queria ter esse poder de criar minhas narrativas. Não só da vida, as narrativas que já tinham sido pensadas por dramaturgos de outros autores, mas também dar voz às minhas narrativas. E surgiu o encontro com o audiovisual, que foi um encontro super querido, super belo. Já tinha feito alguns curtas universitários de uma galera que está aqui em Salvador, também fazendo uma linda trajetória, e tudo mais. Aí já tinha gravado esses curtas, e depois fui fazer uma audição para a websérie "Punho Negro". Fiz a audição, e a partir do momento que eu passo, eu também sou convidada a integrar o coletivo Êpa Filmes, que é o idealizador da websérie. Tanto eu, como o Heraldo de Deus, que é o ator que faz o meu marido na websérie, somos convidados a também fazer parte do coletivo. Então, agora, a gente também está na escrita desse roteiro, pensar essas personagens, pensar essa história, e aí vem a websérie "Punho Negro". Quando eu chego, já tinha dois episódios escritos, e eu e Heraldo contribuimos com outros três que compõem os cinco episódios da primeira temporada. A gente fez de forma completamente independente, com aquele audiovisual de guerrilha, que é todo mundo se unindo para fazer aquilo acontecer, acreditando numa ideia, num propósito, se mobilizando para isso, mas que a gente sabe que é muito difícil. Ainda mais uma websérie de super-heróis, que a gente quer trazer efeitos especiais, quer trazer uma luta um pouco mais interessante, quer apresentar esse

universo que é o de “Punho Negro”, que é um universo que tem outros heróis. Então demanda uma equipe que é também maior. Já por ser uma coisa de super-heróis, a gente precisava, pelo menos, ter alguém que ela tivesse interagindo ou salvando, ou lutando. “Punho Negro” tem muita relação dela com a família porque é uma websérie que traz uma heroína negra *black power*, casada, mãe de dois filhos, que tem que se dividir entre o trabalho e a família. Apesar dessa família ser uma família afrocentrada, que apoia, tem suas questões, mas que está sempre ali participativa na vida dessa heroína. Esta é a história da nossa websérie.

A gente lançou a primeira temporada no dia 8 de março de 2018, que foi o Dia Internacional da Mulher, então teve toda aquela repercussão por ser uma heroína, casada, mãe. Tinha todas essas relações que atravessam as mulheres e, principalmente, também, as mulheres negras. E como é fazer isso, de uma forma independente? Foi superdifícil. A gente lembra, também, dessa primeira temporada, e, por questões mesmo de produção e, até, viu isso sendo influenciado também na nossa história porque chega um momento em que todo mundo precisa trabalhar e fazer outras coisas, para pagar seus boletos, pagar suas contas, e nós não estávamos mais conseguindo conciliar as gravações e tudo. Então, a gente até na história, que já tinha um formato de resolução no próprio dia, no próprio episódio, tem uma situação ali que ela faz, que ela age, acontece. Depois, não tinha muito uma sequência entre os episódios. Se você assistir o primeiro e o segundo, você pode até assistir o segundo e o primeiro, não influencia muito. Mas, a partir do quarto, a gente já sentiu que não estávamos tendo fôlego para continuar porque a gente gravava, escrevia, gravava e lançava. Aí, já ia para o próximo. Só os dois primeiros que a gente já gravou os dois juntos. Os próximos a gente ia fazendo assim, nesse processo, cada episódio. Quando chegamos no quarto, a gente falou: não vamos conseguir, não vai rolar. Várias demandas pessoais de todo mundo. Então, vamos colocar uma suspensão na própria série. No quarto episódio da primeira temporada, ela é suspensa porque a gente já pensa em suspender um pouco a série também. Aí colocamos na história um motivo porque a personagem ia ficar um pouco sumida. Concluímos com o último, que é um almoço em família, ela já está suspensa, mas a gente já deixa uma brecha de como são esses poderes. Será que são hereditários ou não? É de geração para geração? Qual a relação desses poderes com a família dessas mulheres? Com sua mãe, Conceição, com sua filha, Teca. Então, a gente já tem tudo isso na primeira temporada.

A primeira temporada também se inscreve no Rio WebFest, que é o principal festival de webséries do país e um dos dez maiores da América Latina. A gente vai para lá e ganha como melhor ideia original nesse ano. É uma alegria imensa e um estímulo receber esse prêmio pela ideia. E no Rio WebFest eu conheço também realizadores audiovisuais do Rio Grande do Norte, especificamente, da cidade de Natal. Faço essa amizade com eles, isso em novembro. Em dezembro, eles estão

abrindo a audição para a segunda temporada da série que eles estavam produzindo, “Septo”. E aí, eu me jogo, e digo, ‘vou me inscrever, vou para lá também’. Em janeiro, eu já estou em Natal gravando a segunda temporada da websérie. E lá, eu vejo: eles estão gravando a segunda temporada, eles também vinham de uma primeira temporada independente e já estavam gravando uma segunda, com financiamento, com apoio, patrocínio. E isso dá um estímulo, abre a visão. Sou produtora cultural também, e penso, é possível. É possível a gente contar a nossa história, é possível a gente apresentar nosso projeto para as empresas e, realmente, ter um financiamento. E aí, eu volto para Salvador com aquela empolgação, e volto para o coletivo: ‘não, a gente precisa inscrever, precisa inscrever, vamos nessa’. E todos também mobilizados para essa inscrição, a gente vai, consegue, e, justamente, nesse mesmo período que eu volto para Salvador é o momento que a Oi abre o edital para os projetos artístico-culturais. A gente inscreve nosso projeto e tem a feliz notícia de que passamos. Eu lembro que no vídeo de apresentação do projeto eu finalizo com: ‘E aí, Oi, vocês colam nessa corda?’ E foi incrível eles terem colado. Em todo o momento, o relacionamento da gente com a Oi foi de parceria, porque a gente inscreveu o projeto, ainda sem esse momento de pandemia, pois tem as leis de incentivo, que a gente estava tramitando ainda. Quando tudo está organizado para a gente começar a execução, entramos numa pandemia. Outros processos logísticos de realização, como é que faz agora, outros pensamentos. Então, tivemos que adaptar bastante o que a gente tinha planejado para a segunda temporada. A princípio, fizemos um plano a partir de protocolos já pensados para o setor audiovisual de vários estados diferentes. Aí pegamos um modelo de São Paulo, outro do Rio Grande do Sul, daqui da Bahia também, e fizemos o nosso protocolo “Punho Negro”, de como seriam as nossas gravações. Tivemos que reduzir bastante o roteiro. Nessa temporada, a gente ia mostrar o que é essa liga, vários heróis, várias situações. Tivemos que dar uma diminuída, por conta do período, mesmo porque a gente tinha que fazer com processos mais seguros para não colocar ninguém em risco.

Foi um desafio muito grande. Um planejamento que você tem durante um período que não é pandêmico é completamente diferente. Os processos de cada etapa ficam um pouco mais extensos, o tempo que você leva para a execução. Então, muita coisa foi feita escalonada. Preparar o set, vai uma equipe primeiro, depois higieniza tudo, aí volta, que vai realmente gravar, e tudo muito orquestrado ali, naquelas entradas e saídas, mantendo distanciamento e tudo mais. Foi muito intenso o processo todo. Durante a gravação até o último minuto, tivemos que adaptar alguma coisa. A gente fazia testes antes de ir para o set, então o teste era sempre no dia anterior ao que você vai gravar para poder ter uma janela maior. Heraldo, que fez o meu marido, deu positivo no dia anterior que ele ia gravar, e a gente mudou novamente para poder adaptar o roteiro, para que ele pudesse participar, fazer tudo, e com segurança. Aí a gente teve que esperar. Graças a

Deus, foi assintomático e nos conseguimos gravar depois que ele se recuperou. Então, tudo é muito dinâmico, foi muito intenso nesse período da pandemia para a gente realizar a série. Mas saiu, a gente conseguiu, estamos aí com a segunda temporada que a gente lançou no dia 2 de julho, que é o Dia da Independência da Bahia. Pra gente, que reforça várias outras mulheres fortes, que lutaram pela nossa independência e nos reais, que estão aí na história, como Maria Filipa. Muita gente não conhece essas heroínas que lutaram pela nossa independência. E, também, a gente traz para esse mês de julho, que é o mês das pretas, que no dia 25 a gente comemora o Dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha, que é o Dia Nacional de Tereza de Benguela, líder quilombola que chefiava seu quilombo, a parte econômica, parlamentar, tinha as decisões tomadas coletivamente. Era uma mulher que liderava esse quilombo, liderou por duas décadas. Então, essa resistência lá na região do Mato Grosso na fronteira com a Bolívia. Foi um prazer a gente estar lançando essa segunda temporada nesse período, mostrar essa super-heroína, essa 'punho negro', essa heroína, que tem esse superpoder da força. Que o poder dela é a força, e, justamente, tensionando esse lugar, as mulheres negras têm que ser fortes o tempo inteiro, tudo aguentar. Já nesse momento de seleção para a websérie tinha essa preocupação: vamos pegar uma atriz com um biótipo, magrinha, um pouco pequena, justamente para ficar contrastante esse poder dela da superforça. Quando você vê ela lançar alguma coisa hoje, você diz: 'Nossa, essa menininha faz tudo isso?' Faz. Faz muito mais! Então tinha já essa ideia na hora da construção da personagem, da escolha do seu superpoder, era por isso. Para pensar essa personagem, eu fui recorrer também às outras mulheres da minha vida, principalmente. Mulheres mais próximas a mim. Minha mãe, minha madrinha. Minha avó também tem uma história de vida muito forte, mas que ao mesmo tempo muito acolhedora. Essa coisa das mulheres negras de acolher, de trazer para si nomes que são líderes de muitas famílias, de muitas casas. Até na história do feminismo, a gente tem uma diferenciação. Enquanto muitas mulheres estavam brigando pelo direito de trabalhar, muitas mulheres negras já eram chefes de família. Sustentavam suas casas, ou sendo lavadeiras, ou em várias outras profissões. Então, já tinha essa questão, já são outras pautas que nos atravessam muita vezes. Foi muito rico ter trazido a minha própria família para a construção dessa personagem. Eu digo que "Punho Negro" tem muito de mim. Na primeira temporada, que ele ouve o que ela faz ali, é bem Carol Alves. E aprendo com ela todos os dias a me conhecer, a me posicionar e a forma de lidar no dia a dia dela.

A série, a gente tem até um modo exagerado em algumas coisas, mas é justamente para trazer essas questões que nos atravessam, que atravessam as mulheres negras, essas pressões sociais. A gente sempre diz que a websérie não tem um arquivilão, ela tem os vilões de punho negro, que são os vilões estruturais,

principalmente, o machismo, o racismo, a misoginia. Esses são os principais vilões que têm que enfrentar na websérie. Mas, isso tudo a gente vai apresentando, vai pontuando, vai trazendo à luz, sem pretensões de ter uma solução para isso. Enfim, mas colocar essas questões em pauta para discussão, se colocar nesse lugar, ter esse ponto de vista para a gente trazer essa discussão para a sociedade. E o coletivo já tinha essa linha desses trabalhos que são questões que pautam nossa sociedade, apresentados de forma lúdica. Antes da websérie “Punho Negro”, o coletivo Êpa Filmes já tinha lançado um curta, que se chama “O Menino Invisível”, e esse curta também segue a mesma linha. Esse curta trata sobre um menino de rua, que a gente sabe que, historicamente, são invisibilizados, os moradores de rua. Ele acredita até que é invisível, que tem o superpoder de ser invisível, porque ninguém o nota, ninguém o percebe. ‘Nossa, eu sou invisível’. E vive aquele mundo lúdico mágico dele ali, de fazer uma capa para ele, dele mesmo fazer o seu uniforme e tal, e viver, estar ali como se fosse invisível. A gente tem esse lado lúdico, mas trata sobre uma questão muito essencial, que a gente passa para a nossa sociedade. A websérie “Punho Negro” também traz isso, mas traz, também, uma família afrocentrada, que apoia, que se une, que tem suas questões, mas que se une: então isso é um ganho também da série. E aí a gente viu a recepção do público, a gente acreditou que nossas mulheres vão ser as principais consumidoras da websérie, ou vão se identificar, vão ser representadas. Mas, foi uma grata surpresa que a websérie conquistou diversos públicos. As mulheres, sim, mas, também, os homens. Muitos que já acompanhavam esse universo dos super-heróis, vieram, contribuíram, contribuíram também sobre o posicionamento dessa masculinidade, de como era essa masculinidade também. A gente viu essas questões serem levantadas na primeira temporada e foi muito interessante. E, principalmente, as crianças. A gente recebeu vários desenhos das crianças - ‘ah, minha heroína’ - nas sessões de exibição que a gente teve na primeira temporada também. As crianças falavam: ‘Nossa, tia, você tem o cabelo igual da minha mãe ou da minha irmã. Ela sempre quis ter uma heroína parecida comigo. Você é parecida comigo’. Sempre tinha muito essa relação de crianças se inspirando, ficando com os olhinhos brilhando em saber que existia uma heroína mais parecida com elas. Era isso mesmo que a gente queria.

A gente já viu o pessoal falando, na segunda temporada mesmo, também formada por cinco episódios, que conseguimos ir além, graças ao patrocínio da Oi, que foi ter a possibilidade de ver os episódios com audiodescrição, com todo o pacote de acessibilidade para surdos e ensurdecidos, interpretação de libras. Nós também promovemos oficinas de audiovisual, um workshop, nesse meio tão virtual. Hoje em dia, você estar inserido no audiovisual é uma coisa que tem que está se pensando. A gente conseguiu promover essas oficinas para que outras pessoas que também tivessem ideias, pudessem já ter o primeiro passo de desencapetar sua ideia. Eu gosto de dizer sempre assim: ‘Gente, nós começamos “Punho Negro”

de forma independente, e estamos conseguindo fazer realizar. Então, acreditem, façam, tirem seus projetos da gaveta. Chega de outras pessoas falarem a nossa história. Agora é a gente que tem que narrar nossas próprias vivências'. É um incentivo muito grande, e a segunda temporada tem permitido isso também. E aí, depois, a gente tem um bate-papo após o lançamento de cada episódio, sobre alguma área da websérie. A gente já conversou sobre direção, fotografia, direção de arte, as coreografias de luta. Nesses bate-papos sobre a produção, perguntaram: 'E, aí, quando vai ter a boneca de Punho Negro?', justamente, por essa questão da representatividade. As pessoas querem ver uma heroína aparecida. A gente fala de Bahia, até de Brasil mesmo. A gente fala que "Punho Negro" já era para existir. Já era para existir uma heroína negra. Não era para ter sido lançada em 2018. Tanto que quando a gente lançou, muita gente falou: 'Nossa, já tinha pensado nisso!'. Exatamente, porque nosso contexto já era para realmente existir. Então, é isso. Eu espero que vocês estejam curiosos para conhecer mais da nossa websérie. Quem ainda não assistiu, eu faço o convite aqui. A segunda temporada está disponível no YouTube da websérie. "Punho Negro", coloca lá no YouTube, tem a primeira, tem a segunda temporada. Você pode acompanhar toda essa trajetória de Tereza e sua família, dessa heroína, que agora, nessa segunda temporada tem mais luta, mais desafios. Agora, sim, ela tem um inimigo, mas que ainda assim representa todos os vilões estruturais, que é anticiência, antitudo que a gente tem vivenciado muito isso. Então, em "Punho Negro", a gente tenta trazer essa lado, uma coisa natural do nosso dia a dia. Apesar de ser super-heróis, não é nada da nossa sociedade, que a gente vive no dia a dia, os problemas que outras mulheres enfrentam para se dividir entre a casa e a família, se sentem pressionadas, sentem que têm que provar a sua capacidade o tempo inteiro. É o dia a dia da gente também. Então, convido todo mundo a assistir a primeira e a segunda temporada da série e comentar porque essa é a função da nossa série. Trazer essas discussões em pauta, expandir para outras pessoas, para que a gente possa trocar e construir um mundo melhor. Obrigada e até mais!